

## **DO SUJEITO À SUBJETIVAÇÃO: DE UM MAL-ESTAR A UM NÃO-ESTAR**

**Silvana Silva<sup>1</sup>**

silvanasil@unisinis.br

Não há nome para mim, não há pronome para mim, tudo vem disso, diz-se isso, é uma espécie de pronome, também não é isso, eu também não sou isso, deixemos tudo isso, esqueçamos tudo isso, não é difícil, trata-se de alguém ou se trata de alguma coisa, eis aí enfim, que não está aí, que está longe, eis aí, não se sabe por que por que se tem de falar, é assim... (*O inominável*, Samuel Beckett, 1990, p. 126)

Como se configuram as relações intra- e intersubjetivas na sociedade pós-moderna? Quais as consequências psicológicas das mudanças históricas derivadas do declínio do patriarcado? Em *O mal-estar na subjetivação* (2010) - título que, não por acaso, interroga explicitamente *O mal estar na cultura* de Freud -, Jean-Pierre Lebrun procura fazer um panorama ‘quase’ histórico das mudanças culturais que nos distanciam da tradição religiosa patriarcal. Nessa obra, Lebrun procura mostrar que a ‘evolução’ cultural do homem, bem assinalada por Freud na obra mencionada, encontra-se hoje em um momento de forte *impasse* quanto à próxima etapa. O aspecto ‘quase’ histórico indica que ‘quase’ não sabemos o que fazer com a evolução da técnica e da ciência que nos tem legado o século XX.

Lebrun é psiquiatra, doutor em Medicina pela Universidade de Louvain e psicanalista na Bélgica. No Brasil, tem diversas obras traduzidas recentemente: *Um mundo sem limites* (2004), *O futuro do ódio* (2008), *Um homem sem gravidade* (2008), *Clínica da Instituição* (2010) Ao longo de *O mal estar na subjetivação*, Lebrun retoma reflexões suas reflexões anteriores, em especial de *Um mundo sem limites*.

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

A ‘interrogação’ implícita que Lebrun faz a Freud é a seguinte: “por que o homem continua a buscar o poder sobre a natureza (e a sua natureza biológica) se ele sabe que sua ‘natureza’ humana tem a vocação para a falha, para a divisão e para a efemeridade?” Freud, em *O mal estar na cultura*, contenta-se em mostrar que os ‘avanços’ técnicos e culturais da humanidade não escondem a inevitável dissimetria entre gozo e desejo, entre a cultura e o homem e entre superego e ego. Lebrun tenta achar um ponto de equilíbrio – pelo menos, para o analista – para lidar com as novas configurações psíquicas (em especial, as patológicas) da geração do *homo zappiens*, o homem que *zapeia* o controle remoto - em busca do que mesmo?!<sup>2</sup>. Nesse sentido, se Freud trata do ‘mal-estar’, a nosso ver, Lebrun trata do ‘não-estar’ do homem contemporâneo, do seu processo de ‘ausentificação’, da ‘facilitação’ do trabalho de subjetivação que o declínio do poder do pai - e da metáfora paterna - nos ‘transmite’ como legado na nossa almejada sociedade igualitária entre homens e mulheres.

Os dois capítulos principais, a saber, *O mal-estar na subjetivação* e *Os paradoxos da parentalidade*, apresentam diferentes abordagens do problema do sujeito na sociedade democrática. No primeiro, o autor resgata o legado de Freud e trata da passagem do *Nome-do-pai* ao declínio da autoridade paterna. Este declínio inicia-se no século XVIII com a Revolução Francesa e o crescente descrédito da sociedade a uma autoridade constituída como “figura de exceção” (autoridades monárquicas e religiosas). Lebrun (2006, p. 17) pergunta-se, sem muita convicção de uma resposta: “Como garantir a autoridade em uma sociedade pós-hierárquica?” Em seguida, o psicólogo trata da teorização de Lacan para a sociedade democrática, na qual há a pluralização dessa função em *Nomes-do-pai*, isto é, não há mais uma referência idêntica para todos, mas um limite situado para cada um em particular. De Freud a Lacan, sintetiza Lebrun, há a passagem do *mito* à *estrutura* (Lebrun, 2010, 86). Esta passagem é vista com desconfiança. O autor se pergunta se o declínio do lugar de exceção no social implicaria um declínio desse mesmo lugar no seio familiar. A resposta também não é muito certa: como ainda estamos vivenciando essas transformações, o autor é prudente em apenas lançar essa interrogação.

Em um aspecto o autor é pontual: a criação de novas configurações subjetivas. Em *Um sujeito em experiência limite* – um subcapítulo de *O mal-estar na subjetivação* – o autor mostra que o sujeito contemporâneo se encontra destinado a ‘errar’ sem fim, a ‘navegar’ num mundo - e inicialmente numa família - que não lhe disse ‘não!’, que não lhe transmitiu o

---

<sup>2</sup> Referência à obra *A arte de reduzir as cabeças*, de Danny-Robert Dufour, filósofo a quem Lebrun refere-se algumas vezes em *O mal estar na subjetivação*.

interdito. Dessa forma, o declínio da função paterna se faz acompanhar do declínio do poder da fala como sustentáculo para a ação e para a existência do sujeito.

Qual é a saída para o ‘sujeito em experiência limite’? Em *Dos Nomes-do-pai aos Que-não-se-deixam-levar erram* e *Da promoção de um novo pacto social* - partes finais de *O mal-estar na subjetivação* -, Lebrun mostra mais um desalento do que uma resposta, apresentando, de fato, um percurso ‘quase’ histórico:

Hoje vemos um sujeito *sem recurso*, no avesso do que Lacan indicava. (...) Diríamos que é sem-recurso quanto à possibilidade de apelar às palavras do Outro.(...) Esses que-não-se-deixam-levar estão fora do campo da representância, como se não tivessem se apropriado da língua em todas as suas funções. Seria a função semântica – o ato individual de apropriação da língua que, segundo Benveniste, introduz aquele que fala na fala – que estaria em suspenso. (Grifos do autor) (Lebrun, 2010, p. 126).

A partir da citação acima, podemos postular questões de interesse ao linguista: a) como o não exercício de uma ou mais funções da língua afeta o uso das demais funções?; b) se a função de apropriação da língua encontra-se prejudicada, o que este indivíduo apropria quando e se fala?; c) qual é a relação intersubjetiva que se estabelece entre esta fala e a fala do outro? Se tal indivíduo for semelhante ao personagem-limite descrito por Samuel Beckett em *O inominável* (veja-se epígrafe), temos um sujeito em delírio permanente, para quem toda fala é *dominada* pela função imperativa (*fale!*), sem a possibilidade de ser *domada* pela modalização ou pelo silêncio: “Esta voz que fala, ela sai de mim, ela me enche, ela clama contra minhas paredes, ela não é minha, não posso sustá-la, não posso impedi-la, de me rasgar, de me sacudir, de me assediar.” (Beckett, 1990, p. 22).

Para o analista, segundo Lebrun, resta distinguir entre *rejeição histérica à subjetivação* e *incapacidade à subjetivação*. Este último quadro – por ser, talvez, resultado da organização social contemporânea - é delineado sem a apresentação de técnicas ou possibilidades de cura.

Na segunda parte do livro, *Os paradoxos da parentalidade*, o autor se volta para as modificações estruturais na família: a passagem da noção de parentesco, que implica dissimetria entre os sexos, para a de parentalidade, que implica igualdade entre homem e mulher. Com tais modificações, o ‘último’ reduto da dissimetria instaurada pela metáfora paterna encontra-se abalado (mas ainda não destruído). Estará tal abalo vinculado à “nova **configuração social**, a partir dos anos setenta, que deu às mulheres a liberdade de procriarem quando elas queiram”(Lebrun, 2010, p. 124, grifos nossos) ou à “crença nos **poderes da ciência**, no todo possível, na aspiração de nos emancipar dos tormentos da representação, da

dor da perda do imediato, do risco que implica qualquer enunciação” (Lebrun, 2010, p. 59, grifos nossos)?

Percebemos que Lebrun encontra o funcionamento que engendra as novas configurações psíquicas, isto é, as modificações de ordem política e religiosa, seguidas de modificações de ordem social e institucional culminando nas atuais modificações na família. No entanto, cremos que o autor *não* encontra, plenamente, o mecanismo de sua reconfiguração terapêutica. Arriscamo-nos a sugerir uma saída: poderia Lebrun pensar de modo um tanto ‘alegremente’ *impassível* como Dany Robert Dufour? Poderia Lebrun simplesmente considerar que tais ‘novas configurações’ são apenas novas facetas de “velhos” problemas? Vejamos a via um tanto quanto a-histórica defendida por Dufour (2000, p. 309):

Somos espontaneamente dotados para a democracia: A cada um segundo sua neurose! **Este programa muito democrático já está realizado há muito tempo** e é duvidoso que sejamos um dia capazes de realizá-lo fora do seu domínio de eleição, de tal modo que ele arrasa nossas energias. (Grifos nossos)

Ainda que o autor se esforce por introduzir e explicar conceitos psicanalíticos (ou justamente por explicá-los), creio que a reflexão do autor tem envergadura epistemológica suficiente para interessar a educadores, em geral, e a profissionais da área de línguas, em particular. Lebrun nos convida a ler Janine Marchioni-Eppe, para desvendar os apuros em que se encontra a escola contemporânea ao lidar com *crianças generalizadas* (para usar um termo de Lacan retomado pelo autor) que não souberam ou não puderam renunciar ao gozo. Lebrun (2010, p. 35) é taxativo: sem renúncia ao gozo, não é possível *qualquer aprendizagem*. Em outro ponto do texto, o psicólogo parece responsabilizar a própria escola, pois esta tem se deixado dominar por uma sociedade do consumo que demanda um sujeito voraz, ou melhor, um sujeito ‘tentado’ a degustar, aqui e ali, um número excessivo de informações. Pontua: “O social hoje produz um sujeito cindido de seu saber próprio. Sujeito que é obrigado a saber antes mesmo de aprender, ou sem possuir os meios psíquicos para aprender.” (Lebrun, 2010, p. 95). Entre os bem conhecidos embates entre família e escola sobre a responsabilidade de *educar*, vemos o sujeito nos escapar por entre os dedos...

Que venham os historiadores da psicanálise e da educação, em seu (e nosso) socorro. Afinal, os professores também *não* sabemos por onde começar com alunos que zapeiam na aula à revelia, saboreando o saber pelo canto frio do prato de sopa.

LEBRUN, Jean-Pierre. *O mal-estar na subjetivação*. Trad. de Mario Flag, Francisco Settineri, Cristóvão Vero. Porto Alegre: CMC, 2010.

**REFERÊNCIAS:**

1. BECKETT, Samuel. *O inominável*. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.
2. DUFOUR, Dany-Robert. O inconsciente e a trindade: a formação do sujeito e do laço pessoal. IN: \_\_\_\_. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.